14. Eloi Angelos Ghio

O CULTO DA IMORTALIDADE

O homo sapiens neanderthalis (1), desde seu aparecimento no planeta, construiu e moldou o desejo maior da espécie: superar sua terminação, a morte. A transitoriedade da vida, o apego aos entes queridos, a ambição material, os prazeres terrenos, a negação da perda total, minou gradativamente sua resistência a uma alienação cativante. Cedo, ainda na pré-história da humanidade, o sentimento perverso de superioridade – apartamento – frente à natureza, o encantou de tal forma que, sobreviveram em todos os quadrantes onde desenvolveu civilizações, os mitos e as paisagens oníricas de uma continuidade existencial. Considerando que todos os seres vivos, animais e vegetais, são perecíveis e inconscientes da sua temporalidade no mundo, possuindo uma imortalidade simbólica na impermeabilidade de preocupações com uma improvável "não extinção", o cérebro humano elaborou um tortuoso caminho oposto ao real. Dele brotou hipóteses, crenças, especulações, teologias inversas à ordem natural das coisas. Distanciando-se do meio, o homem, animal simiesco, ultrapassou os limites do universo para apropriar-se de mitos sobrenaturais, teogonias (2), convergindo seduções para o além da sua integração aos outros seres vivos que o cercam. Cortes divinas, heranças messiânicas, evoluções de espíritos, independência da alma, reencarnações e inúmeras outras plataformas de cunho dispersivo montou o ser descendente de primatas para afastar de seu imaginário coletivo a realidade eminente: a morte e a vida são ciclos contínuos e incontornáveis. Nada no universo em que vivemos é passível de estática. Tudo se consome e se reinicia, não necessariamente idêntico.